

A ORAÇÃO DO PAI NOSSO: FONTE DE CONSOLO OU MERA RECITAÇÃO?

Anselmo Ernesto Graff e Dirléia Fanfa Sarmento***

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo revisitar as palavras da oração do Pai Nosso, segundo o texto original no evangelho de Mateus. A metodologia constituiu em investigar estudos exegéticos pertinentes ao texto de Mateus 6.9-13. A análise indica que o Pai Nosso tem muito mais a nos dizer do que sua brevidade parece indicar. A oração, como iniciativa divina, parece consistir em manter diante de nossos olhos como se dá a nossa relação com Deus, e o Pai Nosso é a oração que melhor expressa isso. Essas poucas linhas ensinadas por Jesus servem de modelo para a oração, tanto em sua forma como em seu conteúdo. Elas podem ser usadas como guia para os crentes em Cristo de todos os povos e línguas e em todas as situações. Nas palavras de Martinho Lutero, pode ser resumida a maior descoberta desta pesquisa: “Pois ainda hoje mamoo no Pai Nosso como uma criança, dele como e bebo como um adulto, não consigo me fartar dele”.

PALAVRAS-CHAVE

Pai Nosso; Mateus 6.9-13; Oração; Jesus.

INTRODUÇÃO

A oração do Pai Nosso talvez seja a oração mais conhecida e mais recitada no mundo. Será que todos sabem o que se pede nessa oração ensinada pelo Senhor Jesus? Martinho Lutero afirma que “há muitos que talvez oram mil Pai

* Mestre em Teologia Sistemática, doutorando em Educação, professor na Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, Canoas, RS. E-mail: anselmo.graff@ulbra.br.

** Doutora em Educação, pós-doutoranda em Educação, professora no Programa de Pós-Graduação da UNILASALLE, Canoas, RS. E-mail: fanfa@unilasalle.edu.br.

Nossos por ano, e mesmo que orassem por mil anos, não teriam provado nem orado sequer uma única letra ou pontinho”.¹ Lutero errou no diagnóstico? Será que é preciso compreender em toda a sua profundidade as petições da oração do Pai Nosso para que ela produza conforto? Na avaliação de Lutero são poucos os que encontram conforto e alegria na oração ensinada pelo Senhor Jesus. Feita sem a devida devoção, ela é desvirtuada a ponto de ser considerada “o maior mártir sobre a terra”.²

1. CONTEXTO

Será que essa leitura de Lutero é característica exclusiva do seu tempo? É possível sofrer do mesmo mal no século 21? O Pai Nosso é mera recitação, e assim continua sendo um “mártir”, ou é fonte de consolo e paz? Certamente todos os que oram o Pai Nosso querem extrair dele conforto e paz para as suas vidas. Porém, arriscamos dizer que há duas causas que podem gerar nessa oração um caráter de recitação mecânica, ou até de poder mágico, não funcionando como uma verdadeira fonte de alívio e de certeza de que nessa oração pedimos todo o necessário para a nossa vida espiritual, física e material.

A primeira causa quem sabe seja o “excesso” de familiaridade. Muitos a repetem tantas vezes que é quase inevitável ela não adquirir ares de mecanicidade, ou até de *ex opere operato*, ou seja, bastaria recitá-la para obter as bênçãos decorrentes dessa oração. No entanto, e esta é a segunda causa, ainda que haja nisso uma possibilidade de contradição, esse balbuciar automático também pode estar vinculado ao fato de se conhecer tão pouco do conteúdo de cada petição.

Martinho Lutero não ficou de braços cruzados e com a mente ociosa quando sua leitura do contexto indicava a incompreensão das palavras de Jesus. Ele examinou em minúcia a preciosidade das petições do Pai Nosso, uma por uma, e as emoldurou em contornos dourados.³ Charles Arand concorda que as palavras do Pai Nosso às vezes se tornam tão familiares, “que nós falhamos em perceber como cada petição pode abrir um mundo inteiro de significado e providenciar uma ordem tanto para orar quanto para viver”.⁴ Quem sabe nem era preciso acrescentar outros estudos ao que já foi escrito sobre essa oração, mas nós também sabemos pela própria experiência que às vezes é

¹ LUTERO, Martinho. Uma singela forma de orar, para um bom amigo. In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. Vol. 5. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1995, p. 139.

² Ibid.

³ Alguns dos textos de Lutero sobre o Pai Nosso em português são: “Uma singela forma de orar, para um bom amigo”. *Obras selecionadas*, vol. 5, p. 134-148. Explicações nos Catecismos Menor e Maior. *Livro de Concórdia*, p. 372-375 e 457-474. *Obras selecionadas*, vol. 9, p. 145-156, vol. 7, p. 400-418.

⁴ ARAND, Charles. O clamor de batalha da fé: exposição do Pai Nosso nos catecismos. Trad. Fábio Werner e Clóvis Prunzel. *Igreja Luterana*, vol. 65, Nº 2 (nov. 2006): 31-56, p. 31-32.

preciso oxigenar as nossas pressuposições e leituras, a fim de vislumbrar novos horizontes no conhecimento do Pai Nosso e assim orá-lo com mais fervor e devoção. Só assim a oração mais excelente da face da terra deixará de ser o “maior mártir”, para se tornar fonte de encorajamento e paz para os cristãos que oram sabendo o que estão orando.

É preciso concordar com Lutero que se alguém orasse o Pai Nosso sem nenhuma distração, este deveria ser considerado um mestre. Ele usa como ilustração desse ponto um texto de São Bernardo, que havia se queixado para um amigo sobre sua dificuldade em orar o Pai Nosso do início ao fim sem a interferência de outros pensamentos. Seu amigo ficou surpreso. Ele nunca pensou que orar o Pai Nosso seria tão difícil. Foi então que São Bernardo propôs uma aposta com esse seu amigo. Eles apostaram um cavalo de que ele não seria capaz de orar o Pai Nosso sem ser distraído por algum pensamento paralelo. A condição era falar a verdade. O amigo começou a orar e antes que tivesse chegado ao fim do primeiro pedido (“santificado seja o teu nome”), perguntou se também receberia junto a sela caso ganhasse o cavalo.⁵

Ainda que a distração seja inerentemente natural a todo ser humano sobre a face da terra, também é possível afirmar que é o conhecimento que pode auxiliar na concentração e compreensão do que está sendo recitado. Há quem possa dizer e argumentar que o efeito da oração não está condicionado ao conhecimento ou entendimento consciente do que é recitado. É verdade, mas isto pode soar um tanto reducionista. É verdade também que é o Espírito que assiste os cristãos permanentemente em suas orações, mas quando o entendimento daquilo que se ora é falho ou às vezes até inexistente, o prejuízo final pode ser uma recitação mecânica e uma esterilidade na produção consciente de consolo e conforto que a oração do Senhor Jesus é capaz de produzir.

2. OBJETIVOS E METODOLOGIA EMPREGADA

Os objetivos desta pesquisa visam analisar e interpretar as palavras da oração do Pai Nosso, segundo texto original no evangelho de Mateus 6.9-13, e relacionar essa explicação bíblica com reflexões feitas de forma particular por Martinho Lutero. O alvo é também extrair o significado dessa oração e aplicá-lo na existência do ser humano no mundo e na vida de oração da igreja e dos cristãos individualmente. Nesse sentido ainda, a ideia é destacar consequências dessas abordagens, com vistas a uma reavaliação da oração do Pai Nosso e conseqüentemente recomendar novos enfoques para a igreja cristã em sua vida de oração.

Em termos metodológicos, a investigação será feita a partir de estudos exegéticos de alguns autores relacionados à oração do Pai Nosso, bem como

⁵ PLESS, Ewald M. *What Luther says*. St. Louis: Concordia Publishing House, 1994, p. 1087.

do exame de exposições de Lutero sobre o tema. Por fim, irá considerar a forma de Jesus tratar o tema da oração e relacioná-la à teologia praticada hoje na igreja e na literatura secundária, sugerindo conclusões alternativas.

3. A ORAÇÃO DO PAI NOSSO EM MATEUS 6.9-13

O texto bíblico do evangelho de Mateus 6.9-13 nos leva a um guia ou modelo de oração. Quando o Senhor Jesus diz “assim, pois, orai vós”, ele estabelece um paradigma de oração para a igreja cristã. As considerações exegéticas do texto da oração do Pai Nosso não poderão esgotar o sentido e o impacto dessas linhas ensinadas pelo Senhor Jesus, mas servirão como “um encorajamento, de não somente entender o que Jesus diz, mas também orar mais fervorosamente como o próprio Senhor deseja que o façamos”.⁶

O fato é que essas poucas linhas ensinadas por Jesus servem de modelo para a oração, tanto em sua forma como em seu conteúdo. Elas podem ser usadas como guia para os crentes em Cristo de todos os povos e línguas. Os comentários adicionados a cada petição não pretendem simplesmente servir como suplemento para o que é tão perfeito, mas têm como objetivo encorajar a compreender melhor o que Jesus quer dizer com cada pedido, o que por sua vez vai gerar conforto nos que oram a fim de que possam se aquietar nos braços do nosso Pai.

3.1 Mateus 6.9-13 – introdução e contexto

Toda essa seção (Mt 6.1-18) está incluída no Sermão do Monte (Mt 5.2-7.29) e pode ser denominada de “vida sob o cuidado do Pai”. Essa parte contém uma tríade de tópicos⁷ que precisam ser vistos separadamente para sua devida compreensão: esmolas (6.1-4), oração (6.5-15) e jejum (6.16-18).

O primeiro versículo pode muito bem representar uma introdução geral ao tema. Jesus recomenda aos seus discípulos que a vida piedosa não seja vivida na expectativa de que outros possam ficar impressionados por ações devotas dos indivíduos, seja através das esmolas, da oração ou do jejum. Status, honra, vergonha ou louvor de outras pessoas eram valores da época em que Jesus proferiu o Sermão do Monte, mas continuam fazendo parte da vida de todos ainda hoje.

Jesus radicaliza o tema e diz que existem apenas duas expectativas ou esperanças a serem preenchidas nesses três casos (esmolas, oração e jejum): ou se espera o louvor das pessoas ou se anseia pelas bênçãos do Pai Celestial.⁸

⁶ GIBBS, Jeffrey. *A theological exposition of Sacred Scripture: Matthew 1.1-11.1*. St. Louis: Concordia Publishing House, 2006, p. 321.

⁷ Ibid., p. 312.

⁸ Ibid., p. 312-313.

O evangelista Mateus formata e estrutura essa unidade de tal forma que é possível fazer uma representação gráfica desse texto.

Quando:	Se dá esmola (6.2a)	Se ora (6.5a)	Ou se jejuia (6.16a)
Não se deve ser como os hipócritas			
Porque:	Gostam de anunciar que estão dando esmola (6.2b)	Ficam de pé para orar (6.5b)	Desfiguram o rosto (6.16a)
O propósito dos hipócritas é agir para a glória humana			
Para:	Ser elogiados pelas pessoas (6.2c)	Ser vistos pelos outros (6.5b)	Mostrar que estão jejuando (6.16c)
O que Jesus diz sobre esse tipo de atitude?			
Todos eles:	Já receberam sua recompensa (6.2c)	Já receberam sua recompensa (6.5c)	Já receberam sua recompensa (6.16c)
Quais são as promessas de Jesus?			
Aqueles que:	Dão esmola e ninguém fica sabendo (6.3)	Oram em secreto (6.6a)	Jejuam como se não estivessem jejuando (6.17-18a)
Esses:	Serão recompensados pelo Pai (6.4)	Serão recompensados pelo Pai (6.6b)	Serão recompensados pelo Pai (6.18b)

Esse é o primeiro grande e importante princípio nos ensinamentos do Senhor Jesus: dar esmola, orar e jejuar são atividades legítimas e têm promessas de recompensa, na medida em que são praticados sem a intenção de “aparecer” diante das pessoas e são feitos tão somente na esperança de receber a recompensa do Pai Celestial. É isso que realmente conta.

Esta pesquisa está direcionada a trabalhar o segundo ensino de Jesus, a oração. A advertência contra o perigo da hipocrisia e, assim, de sair de mãos vazias de diante do Pai, já foi representada acima (6.5-6). Porém, vale ainda outra observação particularmente relacionada à oração. Jesus adverte para não seguir o caminho daqueles que não são seus discípulos, chamados aqui de gentios. Orações longas e repetidas não são garantia de que o Pai vai ouvi-las e enxergar essa “piedade extra” daqueles que assim oram. Também não faz parte de uma possível valorização da oração a aparição pública, como se isso fosse contar alguma coisa, pois a oração verdadeira é dirigida a Deus e somente ele é que pode e irá tomar conta dos nossos pedidos.⁹ O princípio da

⁹ A expressão “entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai”, geralmente é entendida como sendo uma hipérbole, ou seja, Jesus faz uso de um exagero consciente para aumentar o efeito do princípio em vista. Hipérbolés na Bíblia, se não podem ser entendidas literalmente, não são para enganar ou confundir, mas para impactar. Jesus ao que parece conseguiu com essa hipérbole colocar toda a ênfase na importância da oração feita longe dos holofotes humanos.

vida sob o cuidado do Pai é que ele sabe muito bem das reais necessidades de seus filhos.

Esse conhecimento antecipado obviamente pode gerar a pergunta “por que ainda orar”. O próprio contexto de Mateus 6, de forma especial o versículo 9, “portanto, vós orareis assim”, por si só já poderia responder a esse questionamento. A oração cristã é instituição de Cristo. Porém, é ainda interessante lembrar que toda a Escritura Sagrada apresenta uma coleção de passagens que incentivam à oração e de pessoas que oraram. C. S. Lewis cita Pascal para argumentar que Deus instituiu a oração, assim como o trabalho, para proporcionar às suas criaturas a dignidade da causalidade. Deus concedeu a nós, pequenas criaturas, a dignidade de sermos capazes de contribuir no curso dos eventos de nossa história por meio do trabalho e das nossas orações.¹⁰ Em outras palavras, nós podemos pedir para sermos atendidos em nossas necessidades e Deus nos dar as bênçãos correspondentes aos nossos pedidos. Claro, Deus mantém o princípio do “poder discricionário” sobre a oração, o que garante que ele nos concede dádivas mesmo sem a nossa oração e que não atenderá pedidos que resultem em males ou injustiças.

Assim, o conhecimento do Pai sobre as nossas necessidades não serve aqui para desestimular a prática da oração, mas é uma motivação para ir confiadamente ao Pai e lhe fazer súplicas e pedidos que ele mesmo ensinou na oração conhecida como “Pai Nosso” ou oração do Senhor Jesus.

3.2 *Pai nosso*

“Pois assim orai vós: Pai nosso [que estás] nos céus”.¹¹ Jesus nos conduz à essência da oração. Há uma discussão exegética quanto à versão do Pai Nosso em Mateus e a de Lucas (11.2-4), que é mais breve. A maioria dos estudiosos parece considerar a versão de Lucas como a mais original. Porém, mesmo entre aqueles que fazem esse tipo de leitura, existem aqueles que reconhecem que Jesus ensinou em mais de uma ocasião sobre o tema da oração¹² e não se deveria rejeitar a possibilidade de várias versões do Pai Nosso,¹³ porém com uma só fonte, o próprio Jesus. Geralmente se conclui que a forma em Lucas seja mais primitiva, porém há alguns detalhes em

¹⁰ LEWIS, C. S. *Work and prayer. God in the dock*. Grand Rapids: Eerdmans, 1970, p. 104-107.

¹¹ Tradução segundo: SCHOLZ, Wilson (Org.). *Novo Testamento interlinear grego-português*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004. A tradução do texto de Mateus 6.9-13 seguirá com base nessa fonte de pesquisa.

¹² “Jesus pode ter muito bem ensinado mais de uma vez e em mais do que apenas uma forma”. Tasker apud MORRIS, Leon. *The gospel according to Matthew*. Michigan: Eerdmans, 1995, p. 143, nota 31.

¹³ Jesus também pode ter tido em vista um modelo e não necessariamente uma forma rígida de oração.

Mateus que estão mais próximos do original.¹⁴ Há de fato diferenças nas duas versões, mas ambas “têm simplicidade, concisão, clareza intelectual e compreensão espiritual”.¹⁵

Jesus diagnosticou que as orações de hipócritas e gentios (v. 5,7) não estão de acordo com a vontade do pai. Assim o imperativo presente tem aqui uma característica de ênfase: “Assim, pois, orai vós”. Jesus tinha se referido com certa frequência a Deus como Pai, não somente dele próprio, mas também de todos os discípulos e de todos os que oram (Mt 5.16, 45, 48; 6.1, 4, 6).

Nesse instante Jesus começa a ensinar seus discípulos de forma corporativa e íntima. Deus não é somente o “meu pai”, mas “nosso Pai”. De fato, a ênfase de Jesus é de que nossas orações não sejam atos solitários ou apenas expressões individuais de nosso relacionamento com Deus, mas solidárias e de toda a comunidade cristã.¹⁶ O “nosso” implica que essa oração é feita em comunhão com todos aqueles a quem foi feito o convite de orar e dada a permissão para fazê-lo. Karl Barth vai mais longe ainda e diz que nesta oração entramos em comunhão com aqueles que ainda nem oram, talvez com aqueles por quem somente Jesus está orando.¹⁷ Quando os cristãos oram, eles são como que substitutos daqueles que ainda não oram.¹⁸ Por outro lado, é importante salientar que Jesus não descarta de forma nenhuma a oração privada e individual, mas dá a esta oração um caráter comunitário que precisa ser considerado.¹⁹

Chamar a Deus de Pai não era uma prática tão comum nas religiões antigas. Jesus está ensinando a seus discípulos um novo entendimento sobre a natureza de Deus. Tanto judeus como gentios tendiam a começar suas orações com títulos que enfatizavam a grandeza e o senhorio de Deus.²⁰ Invocar a Deus como Pai não exclui seu atributo de grandeza e soberania, mas põe em relevo o caráter íntimo no relacionamento, porque esta é também uma das expressões ou imagens que mais acentuam a ideia relacional de Deus Pai para com seus filhos.²¹

Ao dirigir-se a Deus como Pai, é possível, ainda que parcialmente, olhar para as experiências concretas de pais e filhos terrenos, que assim tornam possível compreender de forma mais precisa o que significa poder se dirigir

¹⁴ MORRIS, *The gospel according to Matthew*, p. 143.

¹⁵ Filson apud MORRIS, *The gospel according to Matthew*, p. 143.

¹⁶ MILLER, Patrick D. *They cried to the Lord: The form and theology of Biblical prayer*. Minneapolis: Fortress, 1994, p. 328.

¹⁷ A oração sacerdotal de Jesus em João 17 poderia dar base para essa conclusão.

¹⁸ Barth apud MILLER, *They cried to the Lord*, p. 328.

¹⁹ Em outras ocasiões Jesus se dirige a Deus tão somente como “Pai” e ensina isso a seus discípulos (Mt 11.25; Mc 14.36; Lc 11.2; 23.46).

²⁰ MORRIS, *The gospel according to Matthew*, p. 144.

²¹ MILLER, *They cried to the Lord*, p. 330.

a Deus como Pai.²² A propósito, em Lucas 11.9-13 o próprio Cristo constata que se um pai terreno, que é mau (v. 13), sabe dar boas dádivas a seus filhos, quanto mais o Pai Celestial concederá o Espírito a quem assim o pedir.

3.3 *Que estás nos céus*

Jesus Cristo instruiu os cristãos a se dirigirem a Deus numa linguagem que também exalta a Deus como aquele que trouxe o ser humano à existência e tem poder para estar atento a todas as suas necessidades. Assim, a introdução sinaliza igualmente para o reconhecimento da sua infinita grandeza com o acréscimo de que este Pai está nos céus. “Que estás nos céus” é uma alusão às orações do Antigo Testamento. Foi assim na dedicação do templo com Salomão (2 Cr 6.14) e outros líderes e profetas (Ne 1.4; 9.6; Is 63.7-64.11), que colocavam sua confiança no “Pai celestial” e não em pais terrenos, como Abraão e Jacó.²³

Há pelo menos duas verdades expressas nessa sentença adicional ao “Pai nosso”. Em primeiro lugar, ela enfatiza o caráter onipotente de Deus e sua capacidade em ouvir a oração de todos e a todos responder compassivamente (Sl 103.13). Em segundo lugar, deixa claro que Deus está nos céus e quem ora está na terra (Ec 5.2). Porém, o Deus que está nos céus tem o poder para estar com suas criaturas sobre a terra. De fato, os três primeiros pedidos são feitos no sentido de que Deus aja em favor de seu nome, reino e vontade.²⁴

Aqui vale a observação de que nos três primeiros pedidos os imperativos passivos na terceira pessoa²⁵ se referem ao “nome” de Deus, ao “reino” de Deus e à “vontade” de Deus. A oração da igreja será para que o próprio Deus aja e seja a causa de seu nome se tornar santo, seu reino ser trazido à terra e afirmada a sua vontade. Nesse caso é preciso manter a tensão. Por um lado, essas primeiras três petições se referem ao que irá acontecer no Último Dia.²⁶ Por outro lado, “Jesus ensina aqui os seus discípulos a orar a fim de que o Pai complete a obra de redenção e recriação que começou com a obra de Jesus”.²⁷

Assim, é possível concluir que a existência cristã não está limitada à contemplação individual, mas os discípulos de Jesus são lembrados a orar por

²² É preciso considerar aqui que imagens humanas podem ser problemáticas na medida em que conduzem conotações negativas a partir de determinadas experiências, tanto para aqueles que não tiveram um pai terreno, como para aqueles que podem ter tido um relacionamento problemático com seu pai. Porém, ainda assim isto não anula o caráter íntimo e a maravilhosa possibilidade se dirigir ao Senhor do Universo como Pai (cf. Salmo 27.10 e 68.5).

²³ MILLER, *They cried to the Lord*, p. 329-330.

²⁴ GIBBS, *A theological exposition of Sacred Scripture*, p. 326.

²⁵ Como será visto a partir da quarta petição, os pronomes pessoais estão na primeira pessoa do plural (“nós”, “nosso”).

²⁶ A oração do Pai Nosso exhibe características escatológicas próprias do Sermão do Monte (5.3-12, 19-20, 26, 29-30; 6.4,6).

²⁷ GIBBS, *A theological exposition of Sacred Scripture*, p. 323.

propósitos bem maiores e mais amplos sobre a terra. Jesus está oferecendo petições que visam a conversão e a restauração de toda a humanidade e do próprio cosmos.²⁸

Antes dos seguidores de Jesus orarem por suas necessidades mais urgentes, eles devem abrir suas mentes para uma perspectiva maior e expressar sua incondicional solidariedade com Deus e sua causa, ao orar pela santificação final do divino nome, pela vinda do reino dos céus sobre a terra e a definitiva realização dos propósitos divinos.²⁹

Nesse sentido e conclusão, cada petição adicional é colocada sob o governo e a vontade de Deus.

3.4 *Seja santificado o nome teu*

“O nome de Deus é santo por si mesmo”. Essa é a afirmativa de Martinho Lutero. Mas o pano de fundo para essa petição (Ez 36.22-32) revela que a santificação do nome de Deus, que é realizada por ele próprio, também ocorre no e através do povo de Deus.³⁰ Assim esse pedido é para que as pessoas sejam levadas a uma atitude reverente para com o nome de Deus, que em última análise significa a presença do próprio Deus (1 Rs 9.3,7; 2 Cr 7.16,20).

O desejo de Deus é que suas criaturas considerem seu nome e seus caminhos salvadores como santos. Rejeitar isto é profanar o nome de Deus. É disso que está tratando o texto de Ezequiel mencionado acima. Deus conduziu seu povo ao exílio e a conduta vergonhosa, idólatra e questionadora do povo com a forma como Deus agiu fez com que seu nome fosse profanado.³¹

No sentido mais próprio desta petição, Deus é o sujeito da santificação do seu próprio nome através dos seus atos de justiça. De forma especial a salvação da humanidade, vista por antecipação através da sua obra, concedida por meio da pregação do evangelho, mas cuja plenitude só será vista no Último Dia. Isto é compatível com o princípio de que estas três primeiras petições se referem ao nome de Deus, a sua atividade, sem desconsiderar, todavia, a santificação do nome de Deus nos corações dos cristãos.³² Porém, é importante salientar que o mais refinado objetivo nesta petição é o nome de Deus ser santificado. Nesse sentido, o ser humano não “aparece na foto”, para o nome de Deus ser colocado no centro dela e ela ser preenchida com seus atos salvadores e sua presença por meio da pregação da sua Palavra.

²⁸ Ibid., p. 326.

²⁹ Gerhardsson apud GIBBS, *ibid.*, p. 327.

³⁰ MILLER, *They cried to the Lord*, p. 331-332.

³¹ GIBBS, *A theological exposition of Sacred Scripture*, p. 327.

³² CARSON, D. A. *The Sermon on the Mount: An evangelical exposition of Matthew 5-7*. Michigan: Baker Books, 1995, p. 66-67.

3.5 *Venha o reino teu*

Deus sempre foi o Rei que governa terra e céus (Sl 10.16; 29.10; 146.10). Ao falar no reino de Deus, também é preciso considerar o “outro reino”. A força de Satanás, as tentações e a natureza pecaminosa do ser humano são parceiras e anseiam por estabelecer seu próprio domínio por conta própria. Somente no Último Dia se poderá ver com nitidez absoluta o triunfo do reino de Deus. Aos discípulos de Jesus é recomendado orar por esse Dia. Nesse segundo pedido, os cristãos são convidados a olhar para a frente e orar pela vitória de Deus sobre todos os tipos de males e pecados. É o dia em que Jesus voltará (1 Co 15.28; Ap 11.15) e será visto o Reino em sua plenitude e a vontade de Deus será perfeitamente conhecida e realizada. A oração é para a ação de Deus, e não dos discípulos, estabelecer o Reino. “Ele pede pelo estabelecimento do Reino de Deus, Deus por nós, não nós por Deus”.³³

Esse caráter escatológico, contudo, não anula a dimensão e a realidade presente do Reino de Deus, nem torna necessário maximizar eventuais divergências exegéticas nesse item. Miller, por exemplo, diz que toda a história de Israel é a história do empenho de Deus em efetivar seu reino sobre a terra.³⁴ De fato, as três primeiras petições do Pai Nosso são basicamente escatológicas e, de forma especial, “venha o teu reino” lembra a oração litúrgica aramaica que sobreviveu nas congregações paulinas de fala grega: “Maranata” (“vem, Senhor Jesus” – 1 Co 16.22; Ap 22.17, 20). Porém, é preciso salientar que o Reino dos Céus já está presente no ministério do Senhor Jesus (Mt 4.17; 12.28), em seu sofrimento (Mt 26.42), bem como na sua morte e ressurreição, episódios em que Deus agiu em favor do seu povo para salvá-lo dos seus pecados.

Assim, o Reino dos Céus vem continuamente por meio das boas novas de Jesus, em palavras faladas do evangelho. São esses os meios pelos quais o governo gracioso de Deus é conferido àqueles que são crentes em Cristo e aqueles que ainda são incrédulos. Até o Último Dia, os discípulos de Jesus são chamados a orar por todos os santos na terra e por todos os que ainda necessitam ser convertidos à fé em Cristo.³⁵ Por isso, orar “venha o teu reino” é pedir para que esse reino salvador de Jesus Cristo seja expandido e alcance mais pessoas no tempo e no espaço.

Aqui cabe uma observação prática. Desde o começo da existência da igreja cristã, houve perseguição aos crentes em Cristo Jesus. Por isso, esse aspecto escatológico do reino pode ter tido outra significação em função do outro nível de anseio. Os cristãos com certeza não têm nenhuma objeção ao retorno do Senhor Jesus e ao estabelecimento pleno do seu reinado, mas todas

³³ Stendhal apud MORRIS, *The gospel according to Matthew*, p. 145.

³⁴ MILLER, *They cried to the Lord*, p. 332.

³⁵ GIBBS, *A theological exposition of Sacred Scripture*, p. 328.

as graciosas bênçãos do presente acabam ofuscando um pouco essa perspectiva de futuro, ainda que isto obviamente não interfira no teor da petição.

3.6 Seja feita a vontade tua, como no céu, também sobre a terra

A vontade de Deus sempre prevalece no céu e na terra. Só que em termos práticos ela não ocorre da forma como Deus deseja. Assim, Jesus pede aos seus discípulos para que orem pela ação e intervenção de Deus no sentido de combater a pretensão do Diabo e dos homens pecadores, a fim de que a graciosa e perfeita vontade de Deus se imponha, como já está acontecendo nos céus, na presença de Deus e dos seus santos anjos.³⁶ Nos céus a vontade perfeita de Deus já é uma realidade, pois lá não há absolutamente nada que poderia impedi-la, por isso essa oração pede por uma situação similar já aqui na terra.³⁷

Essa petição completa o grupo dos três primeiros pedidos e de certa forma tem relação com os dois primeiros. Ela tem a ver com a santificação do nome de Deus e a vinda do seu reino. Essa é a sua vontade. Até Jesus retornar seus discípulos continuarão a orar e crer que o próprio Pai fará seu nome ser santificado por meio de e nos seus filhos. Quando isto é olhado da perspectiva do texto de Ezequiel, não dá para excluir o aspecto ético cristão envolvido nesse pedido. A vontade ética de Deus também faz parte do que o Pai espera dos seus filhos aqui na terra. Não obstante um contexto onde o mal trafegue livremente, os crentes em Cristo são chamados a ser sal e luz neste mundo.

Por outro lado, é a vontade do Pai que todos se arrependam e creiam em seu Filho como Salvador. Por isso o reino de Deus salvador vem continuamente em Jesus Cristo e é oferecido na pregação do evangelho. Nesse sentido se pede nessa petição que Deus continue operando para que sua vontade prevaleça e de forma especial que nenhum dos que creem ou venham a crer nele pereça (Mt 18.14), mas todos sejam recebidos no reino eterno. Assim, a igreja e os cristãos individualmente são parte da resposta das suas próprias orações, pois são instrumentos de Deus Pai na proclamação dos atos salvadores de Deus por meio do seu evangelho. Dessa forma, com as três primeiras petições o cristão e a igreja também estão dizendo: “Aqui estamos. A tua causa é a nossa causa”.

3.7 O pão nosso de cada dia dá a nós hoje

Aqui começa a segunda parte da oração do Pai Nosso. As três primeiras petições formam uma unidade que tem como conector a expressão “como nos céus, também sobre a terra”. Nos pedidos dessa unidade há alguns detalhes que precisam ser notados. O primeiro é o pronome pessoal no plural (nós e nosso). O segundo aspecto é o tempo verbal: todos na segunda pessoa do singular, na voz ativa e dirigidas ao Pai (na primeira parte eram imperativos na terceira

³⁶ Ibid., p. 330.

³⁷ MORRIS, *The gospel according to Matthew*, p. 146.

pessoa). Também é necessário considerar que há uma integração nos pedidos dessa segunda parte, sublinhada pela presença do conector *kai* (*e perdoa; e não nos conduzas...*). Nessa segunda parte ocorre uma mudança no foco dos pedidos. Não obstante o fato de que essa seção precisa ser lida à luz do Último Dia, nela Jesus ensina seus discípulos a pedir pelas necessidades importantes para o dia de hoje.

O primeiro pedido diz respeito às necessidades básicas de toda pessoa. Sustento e providência para toda a rede de necessidades, com suas variáveis e imprevisibilidades. O pão de cada dia é apenas uma forma “zipada” de pedir todas as riquezas das bênçãos necessárias para o sustento e preservação divinos. Essa expressão também pode ter como pano de fundo o maná do Antigo Testamento, o que por sua vez fornece elementos para concluir que nesse pedido implicitamente suplicamos para que não ultrapassemos o limite das aquisições justas e sejamos sugados pela onda do consumismo e da avareza.³⁸ A oração de Agur se encaixa muito bem nesse princípio: “Não me dêes nem a pobreza nem a riqueza; dá-me o pão que me for necessário” (Pv 30.8).

As discussões sobre esse pedido na maioria das vezes se dão em torno da palavra *epiousios* (de cada dia), obscura em sua natureza e de uso restrito no Novo Testamento. “Nós simplesmente não podemos estar certos sobre o que esse adjetivo significa”.³⁹ Uma provável paráfrase dessa petição poderia ser: “dá-nos hoje o pão para o dia que está chegando”.⁴⁰ A indicação para isso seria o verbo usado e que se refere à vinda do próximo dia (At 7.26; 16.11; 20.15; 21.18).

Ainda que a leitura escatológica⁴¹ desse pedido não seja completamente absurda e o evangelista Mateus dê esses traços a seu texto, Gibbs alerta para o fato de que há razões para ver as duas partes como unidades distintas, sendo que essa segunda parte trata de pedidos corporais, como já explicado anteriormente.⁴² Além disso, é necessário convir que seria difícil, quem sabe imprudente, formular uma teologia escatológica profunda sobre uma palavra cujo significado e uso são tão imprecisos.⁴³

³⁸ MILLER, *They cried to the Lord*, p. 333.

³⁹ GIBBS, *A theological exposition of Sacred Scripture*, p. 331.

⁴⁰ Aqui reside outro aspecto controverso dessa formulação, visto que uns intérpretes creem que se refere ao “pão que está chegando”, ou seja, o banquete celestial cuja plenitude será no Último Dia. Há ainda outros que acreditam que o *epiousios* é o “pão” da comunidade cristã pós-ressurreição. *Ibid.*, p. 331-332.

⁴¹ Se houver alguma referência escatológica nesse pedido, poderia haver um eco de Êxodo 16.4 e o maná como porção diária do povo de Deus. Nesse caso o maná do passado apontaria para o maná escatológico ainda aguardado no fim dos tempos. *Ibid.*, p. 334.

⁴² *Ibid.*, p. 332.

⁴³ *Ibid.*, p. 333.

Por isso, é suficiente entender a quarta petição como sendo um humilde pedido para receber a provisão diária das mãos do Pai. Aliás, isto pode ser sustentado pelo próprio contexto posterior em que Jesus aconselha seus discípulos a não se estressarem nem ficarem obcecados com as necessidades materiais e físicas (Mt 6.25-34). Pedir pelo sustento diário também é uma lembrança de que nossa existência física depende do Criador e não podemos tomar como certo nosso pão diário olhando para nós mesmos, mas é necessário fitar confiantemente e em fé o Pai, que é mantenedor da existência física.⁴⁴

Quanto à falta de especificidade no pedido do pão, essa oração ensina e convida os discípulos a serem modestos sobre suas necessidades corporais. “O pão que está chegando” pelas mãos do Pai é o que precisamos e é o que pedimos. Ele sabe o quanto exatamente é preciso “liberar”. No contexto de uma sociedade consumista sempre existe o perigo de confundir o que queremos com o que de fato precisamos. A indústria do momento é prover satisfação corporal plena através do comércio de produtos, muitos deles, sem precisão alguma. Assim, uma versão mais longa desse pedido em nossos tempos poderia ser:

Ensina-nos a distinguir o que verdadeiramente precisamos daquilo que é dispensável e que podemos muito bem viver sem. Dá-nos o pão que precisamos, o qual vem de Ti. Move-nos hoje a compartilhar com os outros o que lhes falta.⁴⁵

3.8 E perdoa a nós as nossas dívidas, como também nós temos perdoado aos nossos devedores

Essa petição de certa forma torna legítima a confissão de pecados na oração e ressalta fortemente a necessidade do perdão diante de Deus. Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, o nosso perdão da parte de Deus não brota do nosso perdão ao próximo, mas o perdão de Deus não pode ser esperado se o perdão humano é retido.⁴⁶ Se a resposta desse pedido de perdão a Deus fosse condicionada ao perdão que exercemos para com o nosso próximo, então esse pedido seria um “monstro da incerteza”.⁴⁷ Por isso, Jesus ensina a orar mais por uma aspiração, do que uma limitação. Se assim não fosse, “nenhum de nós estaria perdoado”.⁴⁸ Assim, nesse pedido se reconhece que nós não temos direito ao perdão de Deus, se nós próprios não estamos dispostos a fazê-lo com os nossos devedores (pecadores).

Porém, é importante e fundamental enfatizar que o aoristo indicativo no grego deixa suficientemente claro que aqueles que oram o Pai Nosso podem

⁴⁴ MORRIS, *The gospel according to Matthew*, p. 147.

⁴⁵ GIBBS, *A theological exposition of Sacred Scripture*, p. 335.

⁴⁶ MILLER, *They cried to the Lord*, p. 333.

⁴⁷ GIBBS, *A theological exposition of Sacred Scripture*, p. 335.

⁴⁸ MORRIS, *The gospel according to Matthew*, p. 147.

se caracterizar como pessoas que já foram perdoadas antes mesmo de começar a oração.⁴⁹ Também aqui Jesus ensina que o perdão dos pecados sustenta a todos, inclusive os discípulos mais próximos do Filho de Deus. Essa é uma oração que também precisa ser feita até o fim dos tempos, pois todos pecaram, pecam, pecarão e estão carentes do perdão gracioso de Deus em Jesus Cristo.

Receber e passar adiante o perdão de Deus faz parte da existência diária de todos. Há pelo menos dois aspectos que podem ser mencionados aqui em relação ao nosso perdão diário, a partir do fato de que somos perdoados de nossas “dívidas” (pecados) e capacitados a perdoar os nossos “devedores” (não as dívidas). Primeiro, em relação à dificuldade de perdoar aqueles que fazem mal contra nós. Quando se diz “não tem perdão” ou “vou perdoar, mas não esquecer”, pode-se esquecer que Jesus espera o perdão sincero de nossa parte, porque ele é rico em perdoar, como mostra tão bem a Parábola do Credor Incompassivo (Mt 18.23-35). A propósito, esse texto mostra muito bem que o perdão de Jesus vem antes e é este que pode produzir o nosso perdão. Segundo, quando somos movidos ao desejo de perdoar, podemos alongar essa petição para “eu sei, Senhor, que tu queres que eu perdoe! Mas eu não consigo, a não ser que tu me ajudes a fazê-lo”.⁵⁰ A esses “pobres de espírito” (Mt 5.3) a palavra é “bem-aventurado és”. O “poder” de perdoar é para todos, a partir do perdão oferecido por Cristo.

3.9 E não conduzas a nós para a tentação, mas livra a nós do maligno

Essa petição também tem trazido algum grau de dificuldade em sua interpretação. O ponto nevrálgico está associado com o que afinal está se pedindo ao Pai. Ao olhar para a formulação desse pedido, estamos concordando que Deus é o sujeito de nossas tentações? É ele que deliberadamente tenta os discípulos?

De início é preciso observar que a palavra “tentação” costuma ter uma conotação bastante negativa, especialmente no sentido de ser “tentado a pecar”. Porém, essa palavra também tem traços mais neutros e seu significado por vezes é “testar”. Em qual dos dois sentidos se encaixa essa petição? Gibbs argumenta que *peirasmós* tem aqui o sentido negativo, havendo dois fatores que contribuem para essa conclusão.⁵¹ O primeiro é que tanto o substantivo como o verbo são usados pelo evangelista Mateus como tendo força negativa (Mt 4.1, 3; 16.1; 19.3; 22.18, 35). A propósito, o substantivo aparece somente em Mateus 26.41 e o verbo, sempre negativamente, ocorre em mais ocasiões. A partir disso, é próprio observar que essas duas petições

⁴⁹ GIBBS, *A theological exposition of Sacred Scripture*, p. 336.

⁵⁰ Ibid.

⁵¹ Ibid., p. 338.

devem ser lidas como se fosse uma, pois o “maligno” é chamado de *peirázon* (tentador) em Mateus 4.3.⁵²

O segundo aspecto, mais por inferência, é a conclusão de que seria um tanto estranho Jesus ensinar seus discípulos a orar para que o Pai não os “teste”. O testemunho das Escrituras é que Deus prova o seu povo. Há exemplos emblemáticos do “testar” divino. Abraão foi “tentado” a sacrificar seu filho Isaque (Gn 22.1) e a própria caminhada pelo deserto se configurou numa prova (Dt 8.2). Há ainda o “teste de fidelidade” de Jó.

Antes de continuar, é preciso estabelecer e reiterar o princípio afirmado pelo apóstolo Tiago: “Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta; ao contrário cada um é tentado por sua própria cobiça” (Tg 1.13-14). Nesse sentido, a história de Caim e Abel pode servir como uma chave para compreender melhor o que se pede nessa petição, bem como servir de exemplo para a tentação no sentido negativo. Ao chamar Caim, Deus lhe concedeu uma espécie de domínio próprio contra o pecado (Gn 4.7). Porém, Caim falhou gravemente e acabou assassinando o seu irmão (Gn 4.8). Por isso, essa petição é um reconhecimento da completa inabilidade humana de lidar com esses sentimentos e um pedido pela presença do Pai para ordenar nossos pensamentos e desejos a fim de que sejam colocados a serviço do perdão ao próximo.

Esse é um lado desse pedido. No entanto, é preciso refinar um pouco mais a investigação para ver do que trata esse pedido afinal. Para começar essa parte se torna necessário reforçar e sublinhar o fato de que essas duas frases constroem um pedido. Nessa direção, essa petição poderia ser assim resumida: Deus não conduz os discípulos para a tentação, mas antes ele os liberta do Maligno. Para se compreender isso, poderia se pensar no Deus irado com o pecador, que poderia agir segundo sua ira, mas não o faz por causa do seu coração paternal e misericordioso. Gibbs menciona o caso de Davi (Sl 51.13)⁵³ ou ainda o exemplo do Salmo 22.20.⁵⁴ Nessas petições os salmistas reconhecem que Deus os poderia julgar e agir segundo a Lei, ou então eles temem que Deus potencialmente pudesse lhes retirar o Espírito, mas não o faz, permanecendo o Deus do amor e da misericórdia, que continua amando o pecador.⁵⁵

Assim, nesse pedido a súplica implícita é do reconhecimento de que Deus Pai poderia agir segundo a Lei (Mt 5.22-29, 30), mas não o faz e nos livra do Maligno. Vale observar pelo contexto de Mateus 4.1-11 que Jesus foi conduzido ao deserto para ser tentado e abrir batalha contra o Diabo. Pode-se

⁵² Ibid.

⁵³ “Não me repulses da tua presença, nem me retires o teu Santo Espírito”.

⁵⁴ “Tu, porém, SENHOR, não te afastes de mim; força minha, apressa-te em socorrer-me”. GIBBS, *A theological exposition of Sacred Scripture*, p. 340.

⁵⁵ Ibid.

concluir assim que, na oração do Pai Nosso, Jesus ensina seus discípulos que o Pai poderia conduzi-los a tempos de conflitos espirituais com o Tentador e suas tentações (direta e indiretamente), mas Deus providenciará todos os elementos a fim de que seus propósitos permaneçam.⁵⁶ Além disso, é um reconhecimento da fraqueza humana para lidar com essa situação, como já foi visto acima, mediante seus próprios instrumentos. Nessa petição os cristãos pedem para não ser conduzidos a situações ou lugares de perigo, mas se isto for inevitável e ocorrer, o pedido é para que o Pai os liberte desse mal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pois ainda hoje mamoo no Pai Nosso como uma criança, dele como e bebo como um adulto; não consigo me faltar dele. Para mim ele está acima do saltério (ao qual tanto amo). O Pai Nosso é a melhor oração. Na verdade, percebe-se que foi o verdadeiro Mestre que a formulou e a ensinou, e é profundamente lamentável que essa oração de tão excelente Mestre seja recitada sem qualquer devoção, e assim desvirtuada em todo o mundo. Há muitos que talvez rezem mil Pais Nossos por ano, e mesmo que rezassem por mil anos, não teriam provado nem orado uma única letra ou pontinho.⁵⁷

Essas palavras de Lutero podem servir de diagnóstico ainda hoje. Muitos podem orar o Pai Nosso sem ter noção alguma das ricas bênçãos que estão sendo pedidas a cada linha, vírgula e ponto. Por isso esta pesquisa – e agora algumas recomendações práticas.

O uso conveniente do Pai Nosso, a saber, a condição para que ele possa gerar consolo, conforto e esperança, é conhecer e compreender o alcance de cada pedido. Por isso, depois de analisar o tema bíblica e teologicamente, o objetivo é recomendar uma abordagem para a vida da igreja cristã e dos cristãos individualmente em sua vida diária.

Não há como prescrever antídotos para os momentos tão normais de desconcentração nessa e em outras orações. Perderíamos a aposta se apostássemos que ficaríamos concentrados do início ao fim da oração. Porém, há especialmente dois elementos que podem ser seguidos a partir deste estudo.

Primeiro e quem sabe o mais importante de tudo: é necessário ensinar continuamente a oração do Pai Nosso. Não se pode pressupor que nem nós, nem os outros já saibamos o suficiente dessa incomparável pérola. É preciso clicar em termos importantes e construções significativas para abrir uma lista de verdades e pedidos que, com certeza, irão produzir muito consolo e tranquilidade na vida de quem está orando. Quanto mais se compreender o Pai Nosso do ponto de vista teológico, tanto mais ele será orado com fervor e

⁵⁶ Ibid., p. 344.

⁵⁷ LUTERO, Uma singela forma de orar, p. 139.

concentração. A fé cristã não está ancorada essencialmente em entendimento, ela é dom de Deus, mas a partir disso ela procura compreender o que crê.

Segundo, Martinho Lutero deixou armazenados pensamentos sobre cada petição em alguns dos seus escritos. Orar com pausa e a cada pedido acrescentar pensamentos correspondentes aos pedidos é uma forma de valorizar e orientar as orações pessoais e da igreja, para que o Pai Nosso perca o título de “maior mártir” e assuma a posição de consolar e produzir a certeza absoluta de que tudo o que é preciso pedir ao Pai que está nos céus, o estamos fazendo por meio dessa oração.⁵⁸

ABSTRACT

This research had as its purpose to revisit the Lord’s Prayer according to its original in the Gospel of Matthew 6:9-13. The methodology consisted in investigating exegetical studies relevant to the text of Matthew. The analysis indicates that the Lord’s Prayer has much more to tell us than its brevity seems to indicate. Prayer as a divine initiative seems to consist in keeping before our eyes how our relationship with God should be and the Lord’s Prayer is the prayer that best expresses it. These few lines taught by Jesus serve as a model for prayer, both in form and in content. They can be used as a guide for believers in Christ of all peoples and languages, and in all situations. One can summarize the greatest discovery of this research in the words of Martin Luther: “For today I suck in the ‘Our Father’ as a child, from it I eat and drink as an adult, I cannot satisfy myself of it.”

KEYWORDS

Lord’s Prayer; Matthew 6:9-13; Prayer; Jesus.

⁵⁸ GIBBS sugere, por exemplo, a cada petição incluir pedidos específicos. “Pai, faze com que em nossa igreja sejamos capacitados a agir em amor e em verdade uns para com os outros, a fim de que teu nome seja santificado entre nós”; “Querido Senhor, muitos entre nós sofrem com doenças. Venha o teu Reino sobre todos eles para lhes trazer cura e força”; “Todo-Poderoso Deus, frustra os designios das pessoas más e faz com que a tua vontade seja feita na terra, assim como ela é nos céus”. *A theological exposition of Sacred Scripture*, p. 346.